



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na embaixada do Brasil em Roma

Roma-Itália, 1º de junho de 2008

Presidente: Primeiro, quero dizer para vocês que este encontro que a FAO está promovendo será uma grande oportunidade para que o Brasil possa dar seqüência ao grande debate que eu acho que vamos ter, no mundo, sobre a questão de combustíveis alternativos para as próximas décadas.

Nós, brasileiros, estamos convencidos de que o mundo pode relutar, mas vai ter que assumir a responsabilidade de utilizar outros combustíveis. O Brasil está convocando um seminário para os dias 20 e 21 de novembro, quando pretendemos trazer, não apenas governantes, mas trazer cientistas, trazer ONGs, trazer todos os especialistas que existirem no mundo para a gente discutir quais as alternativas concretas que nós queremos adotar como nova matriz energética na área de combustível.

Nós já temos o etanol, o nosso álcool consagrado, com a nossa experiência de 35 anos. O biodiesel está em uma fase inicial e nós entendemos que é plenamente possível ele também se transformar em uma segunda matriz energética na substituição do óleo diesel. E isso tudo é feito em um momento em que o Brasil descobre cada vez mais petróleo. Eu disse, em Belém do Pará, que eu acho que Deus passou no Brasil e resolveu ficar, porque a descoberta que fizemos em São Paulo, perto da divisa com o Paraná, é um petróleo de 36 API, é um petróleo médio, a 200m de profundidade, portanto, muito fácil de ser explorado.

No Brasil, vocês sabem que nós queremos fazer o debate porque não aceitamos duas idéias que o chamado mundo desenvolvido tenta levantar nesse debate dos combustíveis renováveis. Primeiro, a questão do preço dos alimentos. A experiência brasileira mostra ao mundo que nós aumentamos a



área de produção de alimentos, aumentamos a quantidade de produção de alimentos, ao mesmo tempo em que nós aumentamos a produção de biocombustíveis, e não tem nenhum sentido fazer uma ligação. Obviamente que nós temos também como princípio que não é correto produzir o biocombustível de nenhuma oleaginosa que possa ser à base de ração animal ou alimentação humana. É ideal que se procure outras oleaginosas e nós temos muitas que podem ser utilizadas.

Estranhamente, as pessoas não discutem o preço do petróleo. Estranhamente, não se ouve nos debates a incidência do custo do petróleo no transporte de alimentos no mundo inteiro, do custo do petróleo na produção de fertilizantes que, em grande parte, necessita de derivados de petróleo. Esse debate não é feito pelo chamado mundo desenvolvido e nós queremos fazê-lo. Nós queremos fazê-lo porque entendemos que a questão do preço dos alimentos pode ser uma coisa sazonal e pode ser, pelo que eu sei que acontece no nosso País, o surgimento de mais seres humanos podendo comer. É o caso da China, da Índia, do Brasil, da África, da América do Sul, da América Latina, onde a economia desses países cresce há 6, 7 anos consecutivos. Isso significa que mais gente está comendo e, possivelmente, a produção de alimentos em alguns países não tem aumentado.

Durante mais de 20 anos a Europa pagou para muita gente não produzir, fazendo com que os subsídios não aumentassem a produção agrícola ou não permitissem que os produtos dos países pobres pudessem adentrar os seus mercados. Essa reunião da FAO é a grande oportunidade para a gente começar um grande debate mundial. Eu notei uma posição absolutista. Obviamente que me curvarei no momento em que alguém disser: “nós temos um combustível que não vai ocupar um milímetro de terra, que não vai precisar plantar nada, é uma coisa que surgiu agora, é menos poluente, e portanto, vamos adotá-lo”. Agora, a verdade nua e crua é que o Brasil apresentou a única alternativa consistente no mundo.



Se nós levarmos em conta o que custa a exploração do petróleo, se levarmos em conta quantos países têm tecnologia para produzir, para fazer plataforma, para fazer sonda, nós vamos chegar à conclusão de que a produção de biocombustível atende a uma camada imensa, primeiro, de países. Hoje nós temos 10 países que detêm praticamente 90% do petróleo. Você pode ter 160 países produzindo biocombustíveis. Segundo, a quantidade de empregos que será gerada, porque as pessoas não precisam ter nenhum diploma universitário para cavar uma cova e plantar uma semente e depois de alguns meses colher uma oleaginosa, colocar na máquina, moer e fazer o óleo diesel. Todo mundo sabe da paixão que eu tenho por isso, sobretudo quando eu penso na parte mais pobre do Brasil, na África, na América Central, nos países pobres do Caribe. Eu acho que nós temos uma oportunidade extraordinária e acho que esse debate não pode ser escondido. O debate tem que ser público, em qualquer fórum e em qualquer lugar do mundo.

Na semana passada, eu tinha pedido para o Inmetro fazer um estudo. Obviamente que é um estudo muito preliminar, porque é feito muito rapidamente. Mas se nós pegássemos dois carros com a mesma potência de motor, correndo à mesma velocidade em uma estrada, um com gasolina e o outro com etanol, o que nós teríamos como resultado da emissão de gás de efeito estufa? O carro a gasolina iria emitir 8,5 vezes mais gás do que o carro a etanol. Se as pessoas querem levar a sério o Protocolo de Quioto, se as pessoas querem levar a sério o desaquecimento do Planeta, o Brasil está dizendo: nós temos um combustível que seqüestra carbono quando plantamos e quando está crescendo, e que não emite gás carbônico quando estamos ligando o motor do carro. A partir daí, começaremos o debate e o Brasil vai continuar introduzindo o biocombustível na sua matriz energética, porque entendemos que é a energia do futuro, até que alguém apresente uma melhor.

Jornalista: Presidente, sobre o preço do petróleo. Eu queria entender o que



pode fazer de imediato em relação aos preços do petróleo, que continuam subindo, subindo, e evidentemente que a produção de combustível alternativo demora algum tempo e você tem um problema conjuntural de disparada da inflação, que está levando a (inaudível) nos países das populações mais pobres. O preço do petróleo, que interfere em tudo isso, você tem alguma sugestão específica para essa reunião ou para o debate?

Presidente: Obviamente que na reunião da FAO nós não vamos discutir o preço do petróleo, porque vamos discutir a questão da alimentação. Nós aprovamos uma carta, na reunião de El Salvador, pedindo para que o Secretário-Geral das Nações Unidas convoque uma reunião de todos os países do mundo, especificamente, para a gente discutir os preços do petróleo e seus efeitos correlatos no restante da economia.

Eu acho que hoje nós vivemos uma especulação no mercado futuro do petróleo. Não tem nenhum sentido o petróleo estar a 140, 145 dólares o barril. Dizer que é apenas pelo aumento do consumo da China, não é tão convincente. Na quarta-feira eu tenho uma reunião com a Petrobras e um dos assuntos que eu quero discutir com o José Sérgio Gabrielli é exatamente... eu tenho consciência de que o preço do petróleo, na bomba de gasolina, não chega a 35 dólares. Então, tem gente ganhando muito dinheiro no mercado futuro com o preço do petróleo, e eu penso que é preciso que façamos uma discussão mais geral e uma discussão mundial sobre isso.

Estranhamente, eu participei de um encontro da União Européia com a América Latina, em Lima, e das seis pessoas que falaram, da União Européia, ninguém falou em petróleo. É como se não existisse nem o petróleo, nem a crise imobiliária americana. Parece que não existem. São dois problemas que podem afetar os países pobres e isso não está no discurso dos países ricos. Nós sabemos o que o Banco Central da União Européia tomou de prejuízo com o *subprime*, nós sabemos o que aconteceu na economia americana e ainda



não temos certeza do tamanho dessa crise. O que nós sabemos é que o crédito mundial está escasso, o que nós sabemos é que está cada vez mais difícil alguém pegar dinheiro emprestado porque diminuiu a possibilidade de crédito. Então, esses são assuntos que nós precisamos discutir para tentar resolver o problema do petróleo, por exemplo.

Jornalista: Houve um momento, principalmente a partir do instante em que o Brasil, no seu governo, o governo dos Estados Unidos e depois a União Européia, assinaram o Protocolo. No melhor dos entendimentos, em torno de parcerias estratégicas, em que o etanol parecia a salvação da lavoura para (inaudível) do mundo. De repente começou uma campanha contra. Eu sei inclusive, que no vôo de Brasília à Holanda, você chamou o Miguel Jorge e disse para ele: “precisamos organizar uma contra-ofensiva”. Quem são os responsáveis por essa demonização (inaudível)?

Presidente: Estamos ainda por detectar quem são os responsáveis. A primeira coisa é que eu acho que tem, na Europa sobretudo, pressão de muita gente, sobretudo de ONGs. Tem pressão da própria agricultura européia, que não quer abrir mão do subsídio, e tem pressão das empresas, da própria indústria automobilística européia, que não quer mudar a sua matriz, o seu motor. O que nós queremos é desmistificar os empecilhos que as pessoas colocam para o etanol. Se eu pudesse, em cada aeroporto que eu desço, eu desceria com um *flex fuel*, e faria toda a minha peregrinação com o *flex fuel*, com medidor de emissão de gás, e colocaria um no motor dos presidentes dos outros países, para ver quem é que está contribuindo mais para despoluir o Planeta.

Jornalista: Presidente, mas essa difamação está (inaudível) do que da Europa, não?



Presidente: Veja, essa difamação é de todo mundo, inclusive nossa, no Brasil. Eu tenho dito a todo mundo no Brasil que a cada vez que nós falarmos qualquer coisa agora, nós temos que saber como é que isso será utilizado contra nós na OMC. O Brasil hoje não é um coadjuvante na política comercial mundial. O Brasil é o exportador principal de vários produtos. Na medida em que você começa a ser um artista principal, começa também a ficar muito mais visado e as pessoas começam a te bater. Essa guerra comercial, nós não temos que ficar nervosos, não temos que achar que o mundo acabou por isso, não. Ela é uma guerra necessária e o Brasil tem que entrar nela preparado.

Eu disse ao Miguel Jorge que é preciso juntarmos toda a inteligência brasileira na área de biocombustíveis, para que a gente possa fazer um debate, interno e externo, altamente qualificado, que não tenha apenas a questão emocional ou a questão ideológica, mas que tenha o resultado prático do conhecimento científico daquilo que nós precisamos para o Brasil.

Jornalista: Presidente (inaudível) relação do combustível com os alimentos que os países têm (inaudível), como o senhor disse, o Brasil está visado. É nesse debate que o senhor está falando?

Presidente: Esse debate, o debate do aquecimento global e também o debate econômico. O que eu tenho ponderado aos países da União Européia? Eu já conversei com o presidente Sarkozy, já conversei com o Gordon Brown, já conversei com Angela Merkel, e o que eu tenho pedido para eles? Eu não acho que eles tenham que produzir o etanol do trigo – seria criminoso – ou de outra oleaginosa que serve de ração para os próprios europeus. Isso eu não quero. Eu não quero que eles também desmontem a estrutura bem-feita que já tem a agricultura européia. O que eu quero é que eles olhem que tipo de parcerias podem fazer com outros países, e produzam em outros países. Por exemplo, é a grande chance para o continente africano.



Nós estamos com o escritório da Embrapa em Gana. Esse escritório da Embrapa, a equipe técnica, já visitou 17 países africanos e já fizeram pesquisa à distância em mais 10 países. O que nós estamos detectando? É que há uma grande possibilidade de toda uma parte africana ter as mesmas condições do Centro-Oeste brasileiro, a savana africana ter as mesmas condições de produtividade que têm o cerrado brasileiro. Se isso se configurar com os canteiros que estamos montando em Gana, nós estaremos prestes a uma nova revolução agrícola. Aí é que os países europeus poderiam fazer parcerias com os países africanos, gerar empregos. Na hora em que tiver emprego vai ter renda, na hora em que tiver renda vai ter poder de consumo, as pessoas vão produzir mais alimentos e vão comer mais.

Então, eu quero dizer a vocês que esse é o debate do momento, e acho que o Brasil tem que fazê-lo com a grandeza de conhecimento que tem. Nesse assunto o Brasil não é pequeno. Nesse assunto o Brasil é muito grande, sobretudo agora que nós estamos encontrando petróleo, que vamos ser mais do que auto-suficientes, que vamos ser exportadores de petróleo. Eu não quero que o Brasil seja um mero exportador de petróleo. Quero que a gente aproveite o petróleo que encontrarmos para industrializar ainda mais o nosso País.

Jornalista: Presidente, sobre a Petrobras. O senhor falou que ia discutir com o Presidente da Petrobras, mas vai discutir exatamente o quê? Quer dizer que se o preço está abaixo (inaudível) 35, significa que no Brasil então, deveria realmente congelar? E a segunda questão: o senhor fala que as ONGs, por exemplo, são contra a (inaudível) e realmente elas (inaudível) muito, mas uma das questões que as ONGs sempre colocam é sobre a suposta destruição da Amazônia. Não seria o caso, talvez, ou o senhor quer (inaudível) de o governo, de uma vez por todas proibir, formalmente, qualquer produção de etanol em toda a região Amazônica?



Presidente: Deixe-me falar uma coisa a respeito. Primeiro, jogar a carga só em cima das ONGs é... Eu estou lhe dizendo. Tem muitas ONGs, sobretudo na Europa, que pressionam os governos. Você quer saber qual é a pressão? Pegue um dinheiro emprestado no Banco Mundial para saber o que você tem que pagar de pedágio para conseguir um empréstimo, para ver qual é a quantidade de pressão que se faz. A minha tese é de que, primeiro, ninguém no mundo tem autoridade moral de falar na questão ambiental, sobre o Brasil. O Brasil ainda detém 69% da sua mata virgem em pé, o Brasil é o país que tem parques de conservação maiores do que muitos países europeus, além da quantidade de reservas indígenas. E nós estamos fazendo um levantamento agroecológico, exatamente para que a gente demarque, claramente, o que pode plantar e onde pode plantar em determinado lugar. Nós não queremos plantar cana na Amazônia, porque sabemos que a terra na Amazônia não é produtiva para a cana. Então, não adianta fazer investimento lá.

A soja, você não precisa mais utilizar terra na Amazônia. Você pode fazer um levantamento e saber que o que tem de terra degradada de pasto, que não se usa mais para pasto, você pode plantar o que quiser, tanto biocombustível, quanto soja e outros alimentos. Esse debate também nós queremos fazer, porque eu tenho dito aos empresários brasileiros que, hoje, cuidar do meio ambiente é uma vantagem comparativa para o Brasil nas suas negociações internacionais. Não é pouca coisa. E hoje ninguém pode esconder mais, porque com a foto de satélite, a Embrapa e o INPI conseguem saber quase em tempo real onde tem uma queimada. Por isso é que nós fizemos uma legislação, em que deixaremos de dar financiamento a qualquer pessoa que cometa qualquer ato ilegal no que diz respeito às queimadas.

Eu acho que o Brasil tem feito a sua parte. É só você perceber que nós diminuimos o desmatamento, em três anos, em 59%. Ao mesmo tempo nós apresentamos, recentemente, um programa chamado Programa Amazônia Sustentável em que, mais do que proibir as pessoas de fazerem alguma coisa,



estamos dizendo: “tem um jeito de fazer corretamente”. Se você fizer corretamente o manejo da floresta, pode utilizar uma parte da floresta para a própria indústria de madeira. Se você, em vez de proibir, tratar corretamente os extrativistas que vivem por conta da floresta, pode ter os verdadeiros guardiões das florestas guardando as florestas e sobrevivendo à custa de uma renda que o Estado costuma lhes garantir.

Essa idéia de apenas proibir não dá certo em lugar nenhum do mundo. Agora, basta que a gente veja uma grama, em qualquer lugar, se tiver a plaquinha “proibido”, é um convite para você pisar. Então, em vez de proibir, é melhor ensinar como fazer e como tirar resultado. Esse é um debate que o Brasil também tem interesse em fazer e queremos fazê-lo com a grandeza que o Brasil pode fazer. Estão na América do Sul, ainda, 28% de todas as florestas do mundo. Eu não posso admitir que os países que se depenaram, agora venham dar palpite na nossa Amazônia. Ela é nossa, nós vamos cuidar dela com a responsabilidade de quem sabe que lá tem 25 milhões de almas que precisam trabalhar, que precisam viver e nós precisamos encontrar o jeito correto de fazê-las viver e ter uma vida digna, sem precisar ter a motosserra como instrumento de desenvolvimento daquela região.

Jornalista: Sobre o petróleo, (inaudível) o senhor falava “congelamento”. A diferença entre a bomba e ...

Presidente: Vejam, a Petrobras... Essa é uma discussão que eu quero fazer, porque o preço do petróleo é um preço internacional, preço de mercado. A Petrobras não é uma empresa do Estado, é uma empresa que tem participação de capital estrangeiro. A Petrobras está na Bolsa de Valores de Nova Iorque, então, a Petrobras não pode ter um comportamento *solito*, como seria importante. O que nós queremos é que o conjunto dos países e o conjunto de empresas de petróleo comecem a fazer uma reflexão sobre o petróleo. Por isso



é que nós estamos pedindo para a ONU fazer a convocatória, trazer tanto os países produtores quanto os países consumidores, para que a gente possa encontrar o denominador comum de qual é o preço, não justo apenas para a empresa, mas qual é o preço compatível com as necessidades dos países pobres, que estão cada vez mais em dificuldade.

Jornalista: O senhor vai começar, então, uma batalha para diminuir a especulação com o preço do petróleo?

Presidente: Primeiro, um presidente da República não pode ficar chutando. É preciso detectar corretamente onde é que está o entrave. Eu me lembro que um dia desses a Michelle Bachelet perguntou ao presidente Chávez: “por que a PDVSA não diminui o preço do petróleo?”. O Chávez falou: “não é um problema meu, é um problema do mercado”. Então, eu acho que nós temos que fazer uma discussão profunda, porque chegamos a uma situação insuportável.

Eu vim agora de uma reunião com os países do Sica, em El Salvador. A situação está insuportável, os países estão gastando grande parte do seu orçamento com a importação de petróleo. Agora, o que acontece? Muitos já estão introduzindo a cana-de-açúcar e muitos já estão, inclusive, trabalhando em parceria com empresas brasileiras, sobretudo para levar o álcool da cana para os Estados Unidos, que é uma das nossas metas.

Jornalista: Presidente, o senhor não está dizendo que o Brasil está isolado hoje, na questão da (inaudível) sazonal, porque o senhor fala, por exemplo, que tem a Embrapa na África. Mas agora, justamente em Boon, nessa reunião sobre a biodiversidade, os países africanos foram os primeiros a atacar o retorno à (inaudível). O senhor...



Presidente: Talvez algum que tenha petróleo.

Jornalista: Não, não. (inaudível) que se faz uma confusão. Alguém escreveu, outro dia, que tem que separar o milho, do etanol americano, da cana-de-açúcar, e essa separação... Quando se fala de etanol, mistura-se no mesmo saco o milho, que de fato tem uma (inaudível) incidência sobre a produção de alimentos, e o etanol de cana-de-açúcar, que não tem. Enquanto não se fizer essa separação, basta falar do etanol e você fica logo (inaudível)

Presidente: Eu conheço coisas fantásticas. Eu conheço um país em que o povo está passando fome e não produz alimentos, e o cidadão diz que é por causa do biocombustível. Ele não produz nada. Eu estou convencido de que nós estamos iniciando um debate, e eu estou convencido de que nesse debate nós vamos ter muitos argumentos contra e muitos a favor. E cabe ao Brasil, que é um centro de excelência na produção de etanol, provar que é plenamente possível compatibilizar produção de etanol com produção de alimentos, que é possível provar que a produção de etanol não é incompatível com a manutenção da nossa floresta, e provar que nenhum país do mundo vai passar necessidade por causa da produção de biocombustível. Este é um debate que está na mesa.

Tudo que é novo é um problema. Vocês estão lembrados que no Brasil, na década de 90, quando foi introduzido o carro a álcool, quanta rejeição tinha ao carro a álcool? Vocês estão lembrados que depois, no ano 2000, a gente não tinha mais carro a álcool no Brasil? Vocês estão lembrados que em apenas 3 anos, 87% dos carros brasileiros fabricados são todos *flex fuel*? Sem nenhuma obrigação do governo ou das empresas de obrigarem a colocar 100% de etanol, os consumidores brasileiros, por opção, estão utilizando mais etanol do que gasolina. E hoje nós temos uma coisa engraçada: está sobrando gasolina e o Brasil tem que exportar gasolina. Por isso, tomamos a decisão de



fazer algumas refinarias para produzir gasolina *premium*, para vender aos países do Primeiro Mundo.

Quero dizer a vocês que esse é um debate que interessa ao Brasil. Não tem nenhuma acusação contra o Brasil, não tem nada que nos preocupe.

Jornalista: Nem o que o (inaudível) falou?

Presidente: Nada, muito pelo contrário. Quanto à palavra isolamento, é o que eu te disse: nós temos 17 países africanos, com sede da Embrapa, sendo pesquisados, e de todos os países do Sica, o único país que tem dúvidas é a Nicarágua. Todos os outros querem a produção de biocombustível. A Colômbia quer fazer parceria com o Brasil em biocombustível, o Alan García quer fazer parceria com o Brasil em biocombustível. Esse é um processo em que as pessoas vão entrando na medida em que vão percebendo o resultado.

Eu cheguei ao Haiti, e os carros em que nós estávamos andando, eram uns carros americanos pesados, daqueles que devem gastar óleo diesel para danar. E eu fiquei imaginando: como é que um país como o Haiti não tem a produção do seu próprio combustível? Por que ele tem que importar petróleo, se tem uma miséria absoluta lá? Se eles produzissem o seu combustível, teriam mão-de-obra, teriam renda e ainda teriam um saldo favorável na balança comercial. Achar que essa coisa é fácil, que é só chegar para o presidente e dizer “vai ser assim”. É difícil. Eu me lembro de quando eu morava na Vila Carioca, que enchia de água. Eu fui me mudar para São Caetano, e achava que a Vila Carioca era o melhor lugar do mundo e que nenhum lugar ia servir mais para mim. Querer que uma pessoa mude de comportamento sem ser convencida, é muito complicado. O que o Brasil deseja, neste momento, é que esse debate se dê na sua plenitude. O que nós não queremos é meio debate, queremos fazer o debate com todos.



Jornalista: O senhor acha que o fato de o Brasil já (inaudível) situação com o petróleo, cabe às várias dificuldades (inaudível) aumentou o piso do País para assumir (inaudível) que por enquanto ainda é (inaudível) países africanos, mas não tem uma grande (inaudível) além do Brasil, fazendo combustível do etanol. Isso não poderia parecer que era uma coisa: “ah, porque o nosso combustível agora (inaudível)...”?

Presidente: Não é não. Primeiro, tem muita gente já utilizando o etanol. Qual é o problema que nós enfrentamos? Esse problema, eu o detectei em 2004, quando o Brasil resolveu fazer com que o etanol fosse uma alternativa energética na área de combustível. Qual era a indagação que as pessoas faziam ao Brasil? É sustentável? O Brasil pode suprir as necessidades do mercado que adotar o etanol? Esse é o grande desafio. É a qualidade e a sustentabilidade, porque na hora em que o Japão resolve introduzir 3% de etanol no tanque do seu carro, na sua gasolina, alguém tem que garantir que vai ser suprido o mercado. Na hora em que Portugal resolve colocar 10%, nós temos que garantir que vai ser suprido o mercado. Esse foi o primeiro desafio, foi o primeiro grande desafio que nós tivemos nas conversas com os produtores brasileiros. É por isso que nós estamos criando na Petrobras uma empresa subsidiária específica para cuidar de biocombustível.

Jornalista: Como vai se chamar?

Presidente: Não tem nome ainda.

Jornalista: Petroetanol?

Presidente: Não tem nome ainda. Sabe por quê? Porque nós precisamos dar garantia ao nosso sócio. Se amanhã alguém quiser adotar o álcool e quiser



fazer parceria com o Brasil, nós temos que garantir que não vai faltar etanol. Não pode ser uma coisa como foi na década de 90, no Brasil, em que você chegava no posto e não tinha álcool. O Brasil passa a ser mais responsável. Isso é como a gente chegar ao governo. Quando a gente é oposição, a gente acha tudo. Quando a gente chega ao governo, a gente não acha mais, só faz o que é possível fazer. Então, o Brasil virou grande, ele é importante nessa área.

Então, é verdade, você convencer o mundo... Deixem-me dar um exemplo para vocês: as empresas de biodiesel, no Brasil, que estão produzindo biodiesel de soja. Em agosto do ano passado, eu fiz uma reunião com todos os empresários e falei: vocês estão cometendo um equívoco ao transformar a soja em produto principal para produzir biodiesel. Por quê? Porque a soja é *commodity*, o preço é internacional, o preço não é decidido no mercado brasileiro. Se a soja subir demais, o biodiesel produzido da soja deixa de ser economicamente correto para o consumidor e para o produtor. Então, a soja deve ser utilizada quando? Se você tem um excesso de produção de soja e o mercado internacional não está comprando a soja do Brasil, aí você pode utilizar um pouco de soja no biodiesel para regular o mercado, mas não pode ser a matriz. A matriz tem que ser o pinhão-manso, a matriz tem que ser a mamona, a matriz tem que ser o dendê, tem que ser outras coisas.

Jornalista: Mas, Presidente, em vez de ficar só com o etanol da primeira geração, não seria o caso de o governo começar a estimular o...

Presidente: Isso não é estímulo. Nós já temos duas usinas de teste na Petrobras, de segunda geração. Nós estamos na Petrobras com duas mini usinas, fazendo álcool de cavaco de eucalipto e fazendo álcool do bagaço da cana. Nesse cenário, também não tem muita gente mais avançada do que o Brasil. Eu vou lhe contar mais uma coisa. Não está aqui o nosso protótipo do meu carro-verde? Eu agora ando, no meu avião, com um protótipo do primeiro



carro-verde do mundo. Tudo que é de plástico, no carro, não é mais feito de derivado de petróleo, é de derivado de cana-de-açúcar. Está sendo feita uma parceria entre Braskem e Toyota, para que a gente possa produzir o primeiro carro-verde do mundo. Um carro que ninguém precisa beber mais álcool, é só cheirar o carro e já está resolvido o problema.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Está sendo feito em Triunfo, no Rio Grande do Sul. A Petroquímica Triunfo já está produzindo propileno e outros materiais de derivados do etanol, o que é uma revolução na indústria petroquímica do mundo.

Jornalista: Nessa reunião de quarta-feira, Presidente, o senhor vai tratar de quando é que a (inaudível) produzir o petróleo para o Brasil em pré-sal? Até hoje a Petrobras (inaudível)

Presidente: Não.

Jornalista: E quanto se vai gastar para produzir, porque para furar (inaudível) é caro...

Presidente: Em se tratando de petróleo, nada é tão caro. Deixe-me contar uma coisa de um leigo. Pode ser que tanto a Agência Nacional de Petróleo quanto a Petrobras digam outra coisa amanhã. Qual é a perspectiva? A nossa perspectiva é que, em março de 2009, a gente já comece no poço Tupi uma pequena exploração comercial. É bem possível que a gente comece, em um primeiro momento, a extrair aproximadamente 20 mil barris de petróleo e vá crescendo até chegar a extrair o máximo que a gente puder extrair, uns anos



para a frente.

A Petrobras está fazendo grandes investimentos. Nós vamos precisar, nesses próximos anos, de pelo menos umas 40 sondas. As sondas custam muito caro. Só para vocês terem idéia, o aluguel de uma sonda para ir à camada pré-sal custa 700 mil dólares/dia. Então, nós queremos fazer essa sonda no Brasil.

Jornalista: Já está (inaudível)?

Presidente: Não. Eu já tive reunião com a indústria de base brasileira, já tive reunião com a indústria naval brasileira. O Brasil não tinha nem dique seco, agora é que nós estamos fazendo. Nós ficamos paralisados 30 anos. Agora é que nós estamos recuperando o potencial da indústria naval brasileira, para que a gente possa fazer o máximo de navios que precisamos, o máximo de plataformas e o máximo de sondas dentro do Brasil. Foi isso que eu disse agora há pouco, que nós queremos virar um país, do ponto de vista industrial, com alto conhecimento tecnológico, para produzir a base da indústria do petróleo.

Jornalista: O senhor vai ter algum programa específico para isso, Presidente?

Presidente: Já tem, nós já criamos, o Brasil hoje já produz. As plataformas produzidas no Brasil hoje já têm 75% de componentes nacionais. Nós estamos fazendo um dique seco em Rio Grande, no Rio Grande do Sul, que vai produzir seis sondas, dentro do Brasil, com a maioria de componentes nacionais. Obviamente que tudo isso depende de fazer mais estaleiros, mais diques secos, e isso leva um tempo. Enquanto não tem essa estrutura pronta no Brasil, a Petrobras também não pode ficar esperando. Ela vai ter que fazer importação de onde tiver, até que a nossa indústria de base se prepare para



começar a produzir o que nos falta.

Jornalista: Mas exatamente para estimular, talvez para acelerar esse processo, tem alguma iniciativa do seu governo?

Presidente: Tem iniciativa.

Jornalista: Mas não do que já foi feito.

Presidente: Eu vou falar qual é a iniciativa. Nós chamamos toda a indústria de base. Eu fiz uma primeira reunião com a indústria naval, fiz uma primeira reunião com o pessoal da Abdib, depois a ministra Dilma fez uma reunião com o setor para saber qual era o seu potencial de produção. Eles disseram que precisam de um tempo para poder dar resposta às necessidades. Nós, então, vamos...

Jornalista: No caso da sonda?

Presidente: No caso da sonda, que é coisa mais delicada. Nós, então, vamos fazer o quê? Nós vamos importar algumas, e vamos fazer com que a indústria de base se prepare para produzir a maioria das sondas que nós precisamos no Brasil.

Jornalista: Importar as 40?

Presidente: Não. Vamos importar a menor parte possível. Talvez, de todas elas, 12 apenas. Eu não estou dizendo aqui... Esse número pode ser um chute meu, mas nós queremos importar o mínimo possível, para produzir no Brasil o máximo possível. E ainda vamos ter uma linha de crédito do BNDES para isso.



Nós já temos vários programas e nós queremos transformar o Brasil, não em um mero sheik do petróleo. Nós queremos transformar o Brasil em um grande país, com uma indústria do petróleo altamente competente e competitiva com qualquer país do mundo. É isso o que nós queremos.

Jornalista: O senhor não entrou na especulação com o preço do petróleo. Não há também uma especulação, possivelmente criminosa, com o preço dos alimentos? Esse negócio de Bolsa que o senhor mencionou também, Bolsa de Chicago, a soja não é cotada. Os governos, parece que amarraram, têm medo de enfrentar o mercado? Como é essa especulação no preço dos alimentos?

Presidente: Eu penso no preço, que tem duas coisas. No caso do Brasil, eu disse, mais ou menos há uns 30 dias, que nós tínhamos dois componentes agrícolas. Nós tínhamos o leite e o feijão, que eram responsáveis por 0,7% da inflação brasileira. São dois problemas sazonais, e você, então, não pode ficar com medo, porque nós tínhamos tido uma crise em Irecê, porque o Paraná tinha deixado de produzir 29% do feijão que produzia. Na medida em que tem uma oferta menor do que a procura, o resultado todo mundo sabe qual é: o preço aumenta. Então, nós achamos que nessa área dos produtos que não fazem parte do mercado internacional, nós iremos resolver com o aumento da produtividade interna.

Nós já fizemos uma reunião entre o ministro da Fazenda, o ministro da Agricultura e o ministro do MDA para estabelecer um programa de alimentação mais sólido para o Brasil – a Conab estava presente –, para que a gente tenha um mercado regulador mais consistente e uma política de garantia de preço mínimo que motive as pessoas a comprarem e a produzirem, que não fiquem apenas por conta do mercado. Então, essa parte interna não me preocupa, porque nós conseguiremos resolver.

Você tem razão na questão de mercado futuro de alguns produtos que



são *commodities*, que nós não temos controle. Por isso que é importante a ONU convocar esse debate. Tem que fazer um debate internacional, e eu acho que essa crise de alimento veio em um momento, a gente poderia dizer, importante. Momento importante por quê? Porque é um desafio para que os países do mundo assumam a responsabilidade de repensar a sua política de segurança alimentar, porque grande parte dos países não tem segurança alimentar, não tem estoque regulador. Então, o que nós precisamos é garantir que cada país cuide da sua segurança alimentar. Todo país precisa cuidar, para a gente não ser vítima dos preços...

Jornalista: A proposta dessa conferência... O senhor está falando bastante e sem dúvida é muito importante a questão do biocombustível – e é esse o debate também – que parece ser o vilão do atual momento, e outros temas dessa conferência, como por exemplo, mudanças climáticas. Como é que o senhor vê esses outros temas, como por exemplo, no Brasil, que o vilão poderia ser também o desmatamento da Amazônia?

Presidente: Você nunca vai esperar que um adversário fale bem do outro. Vou pegar aqui a Itália como exemplo. O Internacional nunca vai falar bem do Milan. A verdade, nua e crua, é que nós assinamos o Protocolo de Quioto, em que todos os países têm que diminuir a emissão de gás do efeito estufa, e a verdade é que os responsáveis por 70% da poluição fizeram muito pouca coisa para diminuir. Eu vou dar um exemplo. o Brasil ficou olhando a Europa desenvolvida e imaginando: por que eu não sou assim? Por que eu não me desenvolvo? Agora, estão olhando para a Amazônia: “por que não somos nós que temos a Amazônia? Por que ela não é nossa? Por que ela é só do Brasil, da Venezuela, do Peru e da Colômbia?” Todo mundo está de olho. Ora, se todo O mundo está de olho na Amazônia, ótimo. Agora, primeiro tem que entender que a Amazônia é dos países amazônicos. Segundo, tem que



entender que eles podem contribuir para que a gente tenha, cada vez mais, um modelo de desenvolvimento que seja compatível com a manutenção da nossa floresta em pé. Você pode fazer desenvolvimento de indústria limpa nas regiões em que não pode levar poluição, que não pode desmatar. Até agora tem muitas palavras e pouco dinheiro.

Como eu sou uma pessoa que acredita na capacidade de convencimento, que acredita nos debates, acho que esse é um momento extraordinário para o Brasil. Seria muito ruim se ninguém quisesse debater, seria muito ruim se as pessoas quisessem fugir do debate. Como todo mundo quer debater, acho que esse é um momento de ouro. A gente vai poder resolver logo o problema do alimento, a gente vai poder discutir o preço do petróleo e seus efeitos nas outras coisas, a gente vai poder discutir o desmatamento, a gente vai poder discutir de quem é a culpa do quê. Muito mais do que isso, nós queremos discutir a solução definitiva e qual é o papel que cada país tem que jogar. Eu estou convencido de que o Brasil joga o seu papel corretamente. Em área de manutenção de floresta em pé, em área de biodiversidade, em área de água doce, pouca gente pode competir com o Brasil. Esse é um patrimônio brasileiro que nós queremos manter intocável como patrimônio nacional.

Jornalista: Presidente, o senhor (inaudível) um aspecto muito importante na sexta-feira. A gente soube aqui que tem chefes de Estado que decidiram a vinda deles depois que o senhor confirmou a sua vinda. Então, o Brasil tem uma responsabilidade enorme, e a gente vender bem o nosso etanol, vai ser fundamental para (inaudível) Estados Unidos ou Europa se iniciarem no etanol brasileiro, para que o Brasil vire um grande exportador de energia.

Presidente: Eu trabalho com essa convicção, eu trabalho com a esperança de que a gente convença esses países da importância de utilizar o etanol, e de



utilizar o etanol correto. Eu não quero que se produza etanol de milho, não é preciso. Eu não acho que se precise produzir o etanol de alguma coisa que pode encarecer o preço da carne de porco ou o preço da carne de frango. Não precisa fazer isso. O que nós vamos dizer, claramente, é que o Brasil tem condições e tem tecnologia para ajudar o mundo a dar um passo importante e produzir etanol de primeira, de segunda e de terceira geração, sem precisar utilizar nenhum produto que sirva de ração animal.

Esse é o discurso que eu quero fazer. Obviamente que eu também não espero que um discurso venha a convencer todo mundo imediatamente. Isso é como um remédio. Eu agora estou tomando um remédio para o meu olho e o médico falou que eu tenho que tomar por 30 dias consecutivos. Eu gostaria de tomar só um comprimido que resolvesse o meu problema, eu vou ter que tomar por 30 dias. Esse é o remédio. O que eu acho é que o Brasil tem que ser ofensivo nesse debate.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Obviamente que eu sei que aqui tem muitos jornalistas, mas vou dizer uma coisa a vocês. Nós estamos com um material aqui, que foi publicado pelo jornal Valor. Eu vou dizer a vocês uma coisa. Eu só tenho este aqui, em português, mas é um material que a gente vai distribuir. É um material de extraordinária consistência. Isso aqui é melhor que tenha sido feito do que ser feito pelo governo. Eu acho que agora a imprensa brasileira, que tem dado uma contribuição extraordinária, precisa ter uma inserção nesse debate. Daqui a pouco nós estaremos vendo um jornalista de um jornal tal escrevendo uma mazela contra o etanol, e nós precisamos fazer essa ofensiva. Eu acho que essa é uma ofensiva nacional, do povo brasileiro, de uma coisa que nós temos consciência e consistência de que é importante. Se alguém inventar um carro a hidrogênio, então vamos fazê-lo. Eu estou pedindo a Deus... Tem gente que



todo dia me telefona, me manda carta: “eu estou encontrando um carro que anda a água”. Eu já fui a São Paulo, escondido, para ver o carro a água. Não tinha coisa nenhuma. Outro me liga: “Eu estou com um negócio produzindo energia que não gasta nada”. Eu falei: é isso que eu quero. Os inventores estão aí tentando criar alguma coisa. Na hora em que conseguirem separar a molécula e produzir um carro a hidrogênio, estará resolvido o problema de todos nós. Mas enquanto não, a mais importante alternativa no mundo é a nossa.

Veja, até hoje os Estados Unidos não aceitaram que quem inventou o avião foi o Santos Dumont. Você acha que eu vou achar que eles vão querer acreditar no nosso etanol de cana tão rapidamente? O que precisa é que todos nós nos coloquemos juntos nessa bandeira.

Jornalista: Presidente, (inaudível) esta semana, falou sobre a condição dos trabalhadores na indústria da cana. Um relator da ONU também falou sobre isso. Se esse assunto vier à tona na Conferência, como o Brasil vai responder?

Presidente: Eu adoro debate. Eu acho isso... Todo mundo sabe que o trabalho na cana é duro, como é duro o trabalho de um balconista que fica atendendo a gente, correndo dentro de um balcãozinho das 6h da manhã à meia-noite.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: É duro. Agora, não é mais duro do que é o trabalho em uma mina de carvão, que foi a base do desenvolvimento da Europa. Não é mais duro. Pegue um facãozinho e passe um dia cortando cana; desça em uma mina a 90m de profundidade para explodir dinamite, para você ver qual é o melhor. O Brasil está pronto e apto para, a qualquer momento, acabar com o cortador de cana. São Paulo já tem até uma decisão de, até 2012, 2015, acabar. O



problema não é acabar. O problema é saber onde você vai colocar mais de 1 milhão de trabalhadores. Você pode colocar uma máquina e a máquina substituir de 80 a 90 trabalhadores. Se você não fizer isso de forma organizada e de forma paulatina, o que vai acontecer? Você vai tirar o trabalhador desse trabalho pesado e vai colocá-lo dormindo na sarjeta no centro de São Paulo. Então, é um trabalho duro? É um trabalho duro. É um trabalho que a tendência natural é ser extinto. Nós agora estamos trabalhando com a Unica, na perspectiva de fazer um contrato nacional para melhorar as condições de trabalho na cana-de-açúcar. Não é possível fazer um contrato nacional, pela diversidade econômica do País. As empresas de São Paulo podem pagar um pouco mais do que as empresas do Nordeste, então, não dá para ter um contrato único. Mas posso dizer a vocês que os empresários também estão se convencendo de que melhorar as condições dos trabalhadores é condição *sine qua non* para que eles tenham mais credibilidade em nível internacional.

Jornalista: A discussão aqui é mais debate e menos resoluções. Esse tema volta ao G-8, que o Brasil vai participar no Japão...

Presidente: Onde eu for, daqui para a frente, esse debate...

Jornalista: No G-8, que, historicamente, você tem condições de tomar decisões. Tem alguma sugestão que você leve... resoluções não só...

Jornalista: Brasil?

Presidente: Vai. Eu tomei a posição na quinta-feira. Eu vou ao Japão, depois eu vou a (inaudível), depois eu vou à Indonésia...

Jornalista: (inaudível)



Presidente: Não, nós vamos ter um café da manhã de duas horas com os presidentes, depois nós vamos ter um almoço com os presidentes, e o G-5 vai levar um documento.

Jornalista: Café da manhã e almoço, não é?

Presidente: Acho que é isso. O Celso Amorim daqui a pouco estará aí.

Jornalista: O senhor vai levar um documento e (inaudível)?

Presidente: Pois é. Já vou para o café e para o jantar.

Jornalista: Esse documento, especificamente, trata de quê?

Presidente: Nós vamos produzir um documento porque vai discutir a questão climática. Na questão climática, eu quero discutir o etanol, o biodiesel, eu quero discutir as nossas coisas. Eu gostaria que eles discutissem a crise do *subprime* e o preço do petróleo, mas eles não querem discutir. Esses são alguns assuntos que, daqui para a frente, vão fazer parte da minha pauta internacional. Daqui a pouco eles estarão me vendo como aquele chato, mas eu vou teimar nisso.

Jornalista: O senhor vai provocar a discussão (inaudível)

Presidente: Eu preciso provocar todas as discussões necessárias porque este é o momento do Brasil. Se a gente ficar quieto e não fizer o debate, eles farão sem nós. Então, o que eu quero dizer a vocês é o seguinte: nenhum país do mundo tem autoridade moral e política para falar de conservação ambiental e



de etanol conosco, até porque a União Européia só tem 0,3% da sua mata original. Então, quando for falar com o Brasil, primeiro olhe o seu lado, depois fale com o Brasil. E se querem discutir conosco, para a gente construir parcerias... Eu estou doido para que a gente possa... Propus, inclusive, ao presidente Sarkozy que a gente fizesse um trabalho conjunto para explorar a biodiversidade da Amazônia, já que ele tem um pedaço de terra ali na Guiana Francesa, na divisa com o Amapá. Vamos fazer, vamos explorar, porque a biodiversidade talvez seja mais rica do que tudo que nós estamos falando aqui.

Agora, o que não pode é a gente (inaudível) diante das críticas que alguns fazem, quando por detrás têm interesses eminentemente econômicos, interesses comerciais. Eu acho importante o Brasil abrir esse debate, neste momento em que o Brasil é auto-suficiente em petróleo. Se a gente não fosse... “É porque o Brasil não tem petróleo, então o Brasil está fazendo isso porque o Brasil...”. Não, nós agora temos, e temos de sobra. Não temos para dar, mas temos para vender bastante, e é nesse momento que nós queremos dizer: o mundo tem que ser responsável.

Jornalista: (inaudível) o senhor espera ter resultados (inaudível)

Presidente: Nós vamos convocar, alguns eu já convoquei pessoalmente. Em todas as reuniões de que eu participo, convoco as pessoas. O Itamaraty deve estar mandando ofício para todos. Eu acho que virão alguns chefes de Estado, mas esse tem que ser um debate com fortes componentes de participação dos cientistas, porque é uma coisa sagrada para a Humanidade. Então, eu quero fazer esse debate com conteúdo. Eu não quero paixão, não quero emoção, o que eu quero é razão. Se alguém provar que, cientificamente, nós estamos errados, poderemos pensar em outra matriz, mas o que eu quero é que a gente tenha a chance de provar que estamos certos, que eles estão errados e, portanto, que eles adotem aquilo que estamos fazendo. E quando eu falo



“adotem” o que a gente está fazendo, eu não estou querendo que a Alemanha desmonte o que está tudo arrumadinho lá, não quero que a França desmonte a sua estrutura arrumadinha. Eles que continuem com a sua agricultura, só tirem o subsídio um pouco para a gente poder vender os nossos produtos lá dentro, e construam parcerias com outros países. Os Estados Unidos, em vez de estarem produzindo o etanol de milho, poderiam estar comprando o etanol da cana de tantos países da América Central.

Está aqui. Este é o primeiro carrinho-verde do mundo.

Jornalista: Seria para quando? Daqui a uns cinco anos?

Presidente: O principal já está feito.

Jornalista: Presidente, segura o carro (inaudível)

Presidente: Assim? O que tem que sair é isso aqui, o plástico verde.

Jornalista: Presidente, e no programa Fome Zero não se fala mais?

Presidente: Não se fala porque resolvemos o problema.

Jornalista: Mas na FAO, por exemplo, o senhor já foi (inaudível) condecorado?

Presidente: O programa Fome Zero, o resultado dele é inegável. Ele é, reconhecidamente, o mais importante programa de combate à fome e de transferência de renda do mundo. Ele é reconhecido pela FAO, pelo Unicef, pelo IBGE e pelo povo brasileiro. O resultado prático é que você vê que o consumo no Nordeste está sendo maior do que no Sudeste. Uma razão é exatamente porque lá tem mais gente recebendo transferência de renda. Esse



é um programa que, eu acho, vários países do mundo vão adotar, e uma coisa sagrada do programa Fome Zero, que tem no seu braço principal o Bolsa Família, é o cadastro. Nós levamos alguns anos para fazer o cadastro mais importante, um cadastro sério. Eu tenho dito para todos os presidentes: se quiserem adotar o programa, a primeira coisa que tem que cuidar é do cadastro. Hoje a Caixa Econômica toma conta daquilo com uma perfeição extraordinária.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Eu estou marcando, talvez para o mês de outubro, uma visita oficial à Itália, para me encontrar com o primeiro-ministro Berlusconi e com outros membros do Estado italiano. Nós, no Brasil, já tivemos duas reuniões com a indústria italiana, uma em São Paulo e outra aqui na Itália. Nós temos interesse em fomentar esse desenvolvimento com a Itália. Já tem muitas empresas no Brasil, e eu acho que pode ter muito mais, sobretudo, levar a experiência bem-sucedida da região da Emilia-Romana, com pequenas e médias empresas com cooperativa. Todo mundo sabe que o sucesso da Fiat no Brasil é por causa do crescimento do mercado interno e de outras empresas italianas que estão produzindo no Brasil, acho que só tende a melhorar a relação Brasil/Itália.

Eu trabalho com a convicção de que essa perseguição aos imigrantes, que está hoje acontecendo na Europa e também aqui na Itália, não acontecerá com brasileiros. Toda vez que alguém quiser perseguir um brasileiro tem que lembrar que o Brasil age com coração de mãe. Aquele País recebeu muito bem os italianos, os espanhóis, os portugueses, os japoneses, os chineses, os coreanos, os paraguaios, os bolivianos e os alemães. Nós não queremos nada mais, só queremos que as pessoas nos tratem como nós os tratamos a vida inteira, e aí seremos felizes para todo o sempre.



Jornalista: (inaudível)

Presidente: Vamos deixar o Congresso discutir.

Jornalista: Presidente, esse documento que o G-5 vai levar, é só sobre o etanol?

Presidente: Não.

Jornalista: E quais são?

Presidente: Eu não posso querer que os outros discutam tudo o que eu quero discutir. Eles também têm suas individualidades. Esteja certo do seguinte: preço do petróleo, etanol, crise americana e inflação são os meus temas do debate internacional.

(\$31DGJLMQ)